

A temática inesiana em 'Uma Viagem à Índia', de Gonçalo M. Tavares

Por José P. Costa

Após a conclusão do Congresso Internacional 'Pedro e Inês: o futuro do passado', que decorreu entre 28 e 31 de Março de 2012, numa tertúlia, foi aventada a ideia de que a obra de Gonçalo M. Tavares, *Uma Viagem à Índia*, que também vencera o prémio literário da Fundação Inês de Castro 2011, continha alusões ao tema inesiano, facto que me levou a tentar encontrar essas referências, já que sou um interessado nesta temática.

O livro foi apresentado em Novembro de 2010, mas devido não ser um leitor assíduo de Gonçalo M. Tavares não me suscitou uma leitura mais atempada.

O autor, nas entrevistas ^(1,2) dadas por ocasião da apresentação do livro, que consultámos, não faz qualquer alusão ao episódio inesiano. No entanto, também a generalidade dos críticos ^(3,4,5) e jornalistas não fizeram praticamente nenhum eco dessas referências inesianas, salvo Eduardo Lourenço ⁽⁶⁾, no próprio prefácio da obra, e Vasco Graça Moura ⁽⁷⁾ na sua recensão crítica.

Vamos, então, procurar justificar a nossa tese de que o livro *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares, tem claras alusões ao episódio inesiano narrado n'Os *Lusíadas*, sem quaisquer pretensões de esgotar o tema, mas tão-somente de aflorar alguns aspectos, que nos parecem paradigmáticos.

Desde logo, é igualmente no Canto III, que Tavares se refere ao que, reiteramos, temos como inesiano.

Assim, Tavares na estrofe 116, escreve "Voltemos, porém, à minha família/ onde as histórias de amor abundam./ Famosa entre nós ficou uma mulher,/ de pais nada considerados pela parte pedante dos Bloom,/ que foi muito e muito amada por mim./ Chamava-se Mary, foi assassinada. Na estrofe CXVIII, d'Os *Lusíadas*, está " Passada esta tão próspera vitória,/ Tornado Afonso à lusitana terra/A se lograr da paz com tanta glória/Quanta soube ganhar na dura guerra,/ O caso triste, e dino de memória/Que do sepulcro os homens desenterra,/ Aconteceu da mísera e mesquinha/Que depois de ser morta foi Rainha".

Vejamos, Tavares começa por dizer “Voltemos, porém, à minha família”; Camões escrevera “Tornado Afonso à lusitana terra”, Voltar e tornar são verbos semelhantes; à minha família/lusitana terra, são sentidos sinónimos; Tavares escreve “Famosa entre nós ficou uma mulher”, Camões diz “O caso triste, e dino de memória”, são análogas as frases; ainda Tavares “Chamava-se Mary, foi assassinada”, Camões “que depois de ser morta foi Rainha”;

Na estrofe 123, Tavares, escreve “Parece que o meu pai ainda terá hesitado,/ por segundos, mas as más influências/podem ser determinantes em actos como este irreversíveis./Ela terá implorado. terá tentado despertar/a piedade. Mas nada. Foi a morte/ mais vergonhosa que ocorreu nas/várias gerações Bloom”. N’*Os Lusíadas*, na estrofe CXXIV está “Traziam-na os horríficos algozes/ Ante o Rei já movido a piedade;/ Mas o povo, com falsas e ferozes/ Razões, à morte crua o persuade./ Ela, com tristes e piedosas vozes,/ Saídas só da mágoa e saudade/ Do seu Príncipe e filhos, que deixava,/ Que mais que a própria morte magoava”.

Tavares refere que ‘o meu pai ainda terá hesitado, por segundos, mas as más influências’, e Camões diz que ‘o Rei já movido a piedade, mas o povo, com falsas e ferozes razões’, são sentenças de semelhante sentido, o da hesitação do pai/rei, mas a que não pode dar seguimento por força das ‘más influências’, ou seja das ‘falsas e ferozes razões’. Ainda Tavares diz ‘Ela terá implorado’ e Camões diz ‘Ela, com tristes e piedosas vozes’.

Na estrofe 127, Tavares escreve “Talvez leões e tigres sejam afinal/ mais santos que multidões inteiras/ que rezam na igreja”, e em Camões, na estrofe CXXIX aparece “Põe-me onde se use toda a feridade,/ Entre leões e tigres, e verei/ Se neles achar posso a piedade”.

De imediato, apontamos a nomeação dos mesmos dois animais, também será na ‘igreja’ o local onde mais próximo se poderá ‘achar a piedade’.

Na estrofe 129, Tavares escreve “O meu pai, John Bloom, arrependeu-se?/ Que sei eu do que se não vê?/ O certo é que três homens/ mataram uma mulher que eu julgava ser/ inseparável dos dias./ Tudo o resto é íntimo e nada”. E Camões escrevera na estrofe CXXX “Queria perdoar-lhe o Rei benigno,/ Movido das palavras que o magoam,/ Mas o pertinaz povo e seu destino/ (Que desta sorte o quis) lhe não perdoam./ Arrancam das espadas de aço fino/ Os que por bom tal feito ali apregoam./ Contra uma dama, ó peitos carniceros,/ Feros vos amostrais e cavaleiros?”

Tornam ambos os autores a mostrar a hesitação do pai/rei (já o haviam feito, recordamos, respectivamente, nas estrofes 123 e CXXIV, acima referidas). Tavares adianta que são três homens que mataram [a] mulher, sabendo nós que foram Diogo Lopes Pacheco, Álvaro Gonçalves e Pero Coelho, os matadores de Inês de Castro, e Camões avança com a sentença final feita por ‘feros e cavaleiros’.

Ainda, na estrofe 134, Tavares escreve “Bloom mandou matar os assassinos de Mary, caro Jean M./ A tradição mantém-se: os homens sofrem -/ um a seguir ao outro./ Nenhuma causa se perde do seu efeito,/ nenhum efeito esquece a sua causa”. E Camões conclui o seu episódio inesiano com a estrofe CXXXVI “Não correu muito tempo que a vingança/ Não visse Pedro das mortais feridas,/ Que, em tomando do reino a governança,/ A tomou dos fugidos homicidas./ Do outro Pedro cruíssimo os alcança,/ Que ambos, imigos das humanas vidas,/ O concerto fizeram, duro e injusto,/ Que com Lépidio e António fez Augusto”.

Em nova sintonia, ambos os autores registam a vingança de Bloom/Pedro ante os assassinos de Mary/Inês.

Com estas breves comparações queremos concluir da verosimilhança entre a obra de Gonçalo M. Tavares, *Uma Viagem à Índia*, e o episódio inesiano d’*Os Lusíadas*, ainda que, reiteramos, o autor não tenha querido fazer tal alusão, ela parece-nos clara e evidente, pelos exemplos que ora trazemos à colação.

Ainda, se preciso fosse, aduzir da justeza da atribuição do prémio literário da Fundação Inês de Castro, em 2011, a Gonçalo M. Tavares.

15/Abril/2012

Notas:

1)Pedro Mexia, *Público/Ípsilon*, 29/10/2010, pp. 28-30: “na viagem de Bloom todos os acontecimentos são mínimos, a sua mesquinhez e a mesquinhez do que lhe está sempre presente. Não é um herói antigo é uma personagem de ficção moderna [...] Bloom é uma personagem de ficção que age totalmente sozinho. É um individualista do séc. XXI. Alguém que foge sozinho, decide pela sua cabeça e regressa, no fim também sozinho [...] Este livro é uma ficção hiperconsciente. Nesse sentido está muitíssimo afastado de qualquer questão trágica realista. O que acontece podia acontecer, no limite num sonho [...] Bloom é alguém que se não leva a sério [...]”

2)Luís Ricardo Duarte e Maria Leonor Nunes, *Jornal de Letras*, nº 1045, 20/10-2/11/2010, pp. 8-11 [‘ousou seguir *Os Lusíadas*]: A nossa personagem [Bloom] não é do campo real, é do campo da ficção que não quer parecer real [...] num percurso que se passa essencialmente na cabeça de Bloom, porque é uma epopeia mental [...]”.

3)Miguel Real, *Jornal de Letras*, nº 1045, 20/10-2/11/2010, p. 11 “GMT glosa o texto maior de Camões; sim, a estrutura de *Uma Viagem à Índia* repete formalmente a estrutura d’*Os Lusíadas*, o número de cantos, o número de estâncias, os momentos principais da ação [...] o homem, que para vingar Mary, sua mulher assassinada pelo pai, mata este e foge para a Índia em busca do Oriente sábio, o homem sem moral definida [...]”

4)Pedro Mexia, *Público/Ípsilon*, 22/10/2010, p. 42 “De ‘*Os Lusíadas*’ pouco mais existe neste texto do que a ideia vaga de uma ‘viagem à Índia’ e uma quantas citações [...] Os ‘perigos’ que Bloom enfrenta não constituem os clássicos perigos de uma epopeia, são apenas catástrofes patéticas.

5)António Guerreiro, *Expresso/Atual*, 6/11/2010, p. 12: “Fazendo de ‘*Os Lusíadas*’ o seu objeto de transposição (mas não de reescrita ou de paródia, que são procedimentos tipicamente pós-modernos) Gonçalo M. Tavares segue de perto algumas regras da epopeia [...] há uma equivalência entre os episódios de ‘*Uma Viagem à Índia*’ e algumas peripécias de ‘*Os Lusíadas*’”.

6)- Eduardo Lourenço, prefácio, *Uma Viagem à Índia*, Lisboa, Caminho, 2011, (“[...] pleonástica ficção, p. 16; [...] *Uma Viagem à Índia* é uma navegação parada e fulgurante da nossa alma de pós-modernos [...] de onde desapareceu até a lembrança de que alguma vez, como na história de Pedro e Inês (de Bloom e Mary), Poder e Amor tivessem dormido na mesma cama”, p. 20.

7)Vasco Graça Moura, *Colóquio/Letras*, nº 177, Maio/Agosto, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, pp. 271-274: “O pai de Bloom matou-lhe a mulher e Bloom matou o pai [...] entre ecos da morte de Inês de Castro e reverberações edipianas, p. 272 [...] Da já referida morte da mulher do protagonista no Canto III, num *remake* da morte de Inês de Castro [...], p. 273”.

*registos:

. ainda que GMT não assuma/refira (e mesmo alguns dos seus críticos, Real, Mexia, Guerreiro) o episódio IC, ele está lá explicitamente, e até descarte a analogia Bloom/Pedro (que Eduardo Lourenço regista), que diz ser uma personagem de ficção;

. MReal diz que o protagonista Bloom/[Pedro] é um “homem sem moral definida”, também Pedro o é, pelas suas atitudes controversas;

. VGMoura: ‘daqui a um século ainda haverá gente a fazer teses de doutoramento e a organizar simpósios sobre este livro’; MReal: “livro absolutamente inolvidável por mais anos que se viva. Ou, de outro modo, um livro para a eternidade”.